

M

de José Rubens Siqueira

NA PALMA DA MÃO

de José Rubens Siqueira

## PERSONAGENS

1. FILHA
2. MÃE
3. ERESHKIGAL
4. INANA
5. GUARDIÃO
6. NUT
7. ISIS
8. OSIRIS
9. GAIA 1
10. GAIA 2
11. CRONOS
12. MESTRE DE CERIMÔNIAS
13. MISS UM
14. MISS DOIS
15. ADÃO
16. LILITH
17. ANJO
18. JOSÉ
19. JESUS
20. MADALENA

para Maria Gomes

O homem moderno a-religioso assume uma nova situação existencial:  
reconhece-se como o único sujeito e agente da História  
e rejeita todo apelo à transcendência.

O homem *faz-se* a si próprio,  
e só consegue fazer-se completamente  
na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo.

Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus.

O homem moderno a-religioso assume uma existência trágica e  
... sua escolha existencial não é desprovida de grandeza.

O homem profano, queira ou não,  
conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso,  
mas esvaziado dos significados religiosos.

Faça o que fizer, é um herdeiro.  
Não pode abolir definitivamente o seu passado,  
porque ele próprio é produto desse passado.

*O SAGRADO E O PROFANO*  
*Mircea Eliade.*

Esta peça é uma jornada pelo universo numinoso de alguns dos mais antigos mitos femininos da Humanidade, que culmina na figura de Maria, mãe de Deus, ela própria culminação do princípio feminino no inconsciente coletivo ocidental até hoje.

Algumas fontes para o texto: *A descida de Inana-Ishtar ao mundo inferior* é um poema babilônio escrito em 2000 a.C.; *O livro egípcio dos mortos*, de onde provém o mito de Ísis, é de 3500 a.C.; a história de Gaia, está na *Teogonia* de Hesíodo, que data do século VII a.C.; outras fontes são o *Bardo Thödol*, livro tibetano dos mortos, elaborado no século IX da era cristã com ensinamentos milenares, os *Apócrifos* da Bíblia, escritos nos primeiros séculos da era cristã e o Antigo e o Novo Testamento.

Há nesses textos arcaicos um fascínio encantatório. Nada têm a ver com o linguajar informal da representação “natural” contemporânea. Neles as palavras não são apenas veículos de significado racional, mas vêm carregadas da força de seu som, de suas cadências, de seu ritmo, quase como odes compostas para serem cantadas, ou entoadas.

São textos que se dirigem não apenas ao intelecto, mas sim aos sentidos físicos e à imaginação.

Não há nesta peça uma narrativa linear, aristotélica.

Abordar o arquétipo feminino pela razão, pela lógica, resultaria um ensaio, não uma obra de arte.

Esta peça, portanto, constitui-se de uma seqüência de imagens numinosas encadeadas como analogias, destinadas a produzir um envolvimento hipnótico, sensorial, imagético, que se entende com o coração e com o corpo, não apenas com a cabeça.

José Rubens Siqueira

Atibaia, 28 de julho de 2004

## I

## I

*O público entra no escuro.*

*No centro do palco, apenas um retângulo mostrando o céu claro, com nuvens passando.*

*Ouve-se música: a voz muito grave e interna dos monges tibetanos, por exemplo.*

*Depois de um tempo, a platéia se apaga aos poucos.*

*O palco se acende aos poucos.*

*A música prossegue.*

*Ao fundo, uma parede de taipa, com uma janela retangular no centro.*

*É por aí que se vê o céu com nuvens que passam.*

*A um lado, um rústico forno semi-esférico de argila caiada, com a boca virada para a platéia. Não há fogo dentro dele ainda.*

*No centro do palco, a boca de um poço de tijolos carcomidos pelo tempo, da altura de um banco, a tampa de madeira rústica, escalavrada, apoiada em pé, de um lado.*

*Do alto, pende uma corda com um balde.*

*Duas mulheres, vestidas como qualquer mulher de qualquer tempo: lenços na cabeça ocultando os cabelos, blusas folgadas, brancas, de algodão rústico, decote redondo mostrando o colo, mangas enroladas na altura dos cotovelos, saias amplas até os tornozelos, sobressaia de tecido mais claro com a barra repuxada para a cintura, formando um avental, pés descalços.*

*A Mãe puxa com força o balde cheio de água de dentro do poço.*

*A Filha lava o chão com um esfregão enrolado em panos.*

*A Mãe despeja parte da água no chão já muito molhado.*

*As duas esfregam o chão numa fatura de água, numa quase dança doméstica, muito vigorosa.*

*A Filha de repente estaca, tomada de surpresa, e leva a mão no ventre.*

*Toda a água se tinge de vermelho, as duas mulheres são recortadas pelo contra-luz vermelho.*

*O céu da janela subitamente anoitece, uma noite negra, crivada de estrelas.*

*A Filha olha a mão.*

*Vai até a Mãe, que puxa do poço outro balde de água.*

FILHA - Mãe, eu estou sangrando.

MÃE - Olha a lua.

FILHA - *(breve pausa de perplexidade com a indiferença da Mãe)* Mãe!! Eu estou sangrando!

MÃE - Terceiro dia da lua nova. Amanhã brilha um crescente. Fino que nem unha cortada. A Lua. Dobradinha. Sua avó, minha mãe, era mulher de lua cheia. Eu sou crescente. Terceiro dia de lua nova, filha. Pouco mais, pouco menos. Todo mês.

FILHA - Você também sangra?

MÃE - Sangro.

FILHA - É isso, ser mulher?

MÃE - *(breve riso)* É mais.

FILHA - É o que?

MÃE - *(a Mãe ri)* Você descobre... *(volta a esfregar o chão)*.

FILHA - Eu vou sangrar todo mês?

MÃE - Vai.

FILHA - Não quero. É feio. É sujo.

MÃE - Não tem escolha. É a vida que desce de dentro de você. É o começo. A cada lua o começo-recomeço do mundo. Como no princípio. Como agora e sempre.

## 2

*Apaga-se o céu da janela, apaga-se a luz vermelha frontal.*

*Resta um forte contra-luz vermelho recortando as duas mulheres.*

*Elas assumem postura física de deusas arcaicas.*

*Música, áspera, imemorial.*

*As duas se movimentam numa coreografia dura, quebrada, trêmula, estátuas vivas, prontas a trincar e despedaçar-se, enquanto o espelho de água se esgota e seca.*

*E elas cantam os nomes da deusa com grave voz gutural, o ar raspando a garganta:*

UMA - Oxum Lakshmi Tyche Ixchel Kishi-Bojin

OUTRA - Macha Marisha Gabija Higéia

UMA (*como um bordão*) - Bastet Anuket Amentet Sachmet Zenenet Selket Mafdet  
Heket Rasyte Nepit

OUTRA (*sobreposto ao bordão*) - Izanami Aurani Sedna Dana Zana

Damona Nemetona Epona Pomona  
Fravasi Parvati Zemepati Mate Jurate

UMA - Deméter Arina Minerva Iemanjá

OUTRA - Diana Hécate Sofia Yurakan

UMA - Freija Afrodite Amaterasu AuLat

OUTRA - Mawu Otoíme Hátor Kalima Rowan

UMA - Cánon Riánon Namu Astartê Maat

OUTRA - Palas Arádia Kaminari Anath

UMA - Krumine Kaupuole Camunda Allat

OUTRA - Adraste Sothis Sengen Sauska Ceres Zemes Uzume Ma-Zu,

UMA - Inanaaaaa...

OUTRA - Ishtaaaar...

UMA - Astarteeeee...

OUTRA - Tamuuuuuuuz....

*Na dança, uma delas veste um imenso manto de penas coloridas. É Ereshkigal.*

*Acende-se um foco sobre ela, que narra.*

*A outra sai, e retorna com uma alta coroa na cabeça e uma ampla roupa feita de uma única peça de pano grosso, inteiramente recoberta de ouro e jóias, presa ao peito por dois grandes broches em forma de cabeça de leão.*

*É Inana-Ishtar, que dança as ações narradas.*

ERESHKIGAL – Eis: Kurnugi, a terra sem volta.

Eis: Inana-Ishtar, minha irmã, a filha do pecado...

INANA (*caminhando*) - Sigo... chego... eis: o castelo de sombra... morada de Erkalla...

Erkalla... Erkalla...

ERESHKIGAL (*por cima do eco do nome do deus*) - Casa onde se entra.

De onde não se sai.

Nunca.

Estrada de um só sentido só.

Sem luz para quem entra, onde o barro é pão, onde se come o pó.

*(geme, gutural)* Quem aqui está não vê a luz,  
em trevas vive,  
de penas se veste, como os pássaros.

*Enquanto ela fala, a luz muda e de ambos os lados do palco avançam as partes de uma monumental porta entalhada com figuras míticas, meio gente, meio bicho. As duas portas se juntam com estrondo no centro, escondendo Ereshkigal.*

INANA – *(trêmula, toca a porta com o dedo)* – Folha e ferrolho cobertos de pó.

A porta de Kurnugi.  
Abre, Guardiã,  
as portas para mim,  
para que eu possa entrar.

*Pequena música de tempo passando, Inana dança a espera em um só giro, lento.*

INANA - Se não se abre a porta para mim, Guardiã,  
se não se abre a porta para mim,  
a porta despedaço, as trancas destruo, os batentes derrubo, as traves  
ponho abaixo,  
os mortos levanto para devorar os vivos...

*Breve espera, imóvel.*

INANA *(grita)*- ...e os mortos serão  
mais numerosos do que os vivos.

*As portas se abrem com grande ruído, gemendo, guinchando.  
Revelam o Guardiã, homem com cabeça de carneiro, chifres de ouro revirados.  
Ao fundo, sobre a parede, Ereshkigal, o manto de plumas pendendo dos ombros.  
Pelo retângulo da janela, flutuam projeções de almas e espectros, verdes de fósforo.*

GUARDIÃO – Olhe: a rainha Ereshkigal,  
o rosto lívido,

os olhos sem brilho,  
os lábios negros.  
Por que viu você.

ERESHKIGAL – Inana-Ishtar! O que quer aqui?

Inana-Ishtar! Que tem contra mim?

Inana-Ishtar!

Decerto não será porque bebo água com os doze juízes Anunaki.

Porque engulo o barro por pão.

Bebo água de lama por cerveja.

*(esconde o rosto entre as mãos, chora)*

Tenho de chorar. Tenho de chorar.

Pelos jovens que perderam suas amadas. *(chora um pouco)*

Tenho de chorar. Tenho de chorar.

Pelas moças arrancadas do colo dos amantes. *(chora um pouco)*

Pela criança inda pequena, tenho de chorar.

Tenho de chorar, pela criança parida antes do tempo. *(cessa de chorar)*

Vá, guardião: Inana-Ishtar, minha irmã,

será tratada segundo os ritos antigos.

*O Guardião avança até Inana, faz uma reverência.*

GUARDIÃO - Entre, senhora.

Que Kuthá lhe dê alegria.

Que o palácio de Kurnugi se alegre ao vê-la.

*Inana avança um passo.*

*O Guardião remove a coroa da cabeça de Inana.*

*(Nas cenas seguintes, repetirão a mesma coreografia, com ligeiras variações)*

INANA - Por que tirou a coroa de minha cabeça, Guardião?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*A imagem de um deus-dragão vermelho e alaranjado surge no retângulo da janela, ameaçador, a bocarra escancarada. E se desmancha.*

*Inana avança um passo.*

*O Guardiã remove os grandes brincos de suas orelhas.*

INANA - Por que tirou os brincos de minhas orelhas, Guardiã?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*Dois dragões-deuses passam pela janela: um da esquerda, outro da direita.*

*Inana avança um passo.*

*O Guardiã remove os colares de seu pescoço.*

INANA - Por que tirou os colares de meu pescoço, Guardiã?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*Passam três demônios pela janela: um da esquerda, um da direita, um de baixo.*

*Inana avança um passo.*

*O guardião remove as pulseiras de seus braços.*

INANA - Por que tirou as pulseiras de meus braços, Guardiã?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*Quatro demônios deslizam pela janela: um da esquerda, um da direita, um de baixo, um de cima.*

*Inana avança um passo.*

*O Guardiã remove os anéis que Inana tem nos dedos.*

INANA - Por que tirou os anéis de meus dedos, Guardiã?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*Passam cinco demônios pela janela: um da esquerda, um da direita, um de baixo, um de cima e um do centro para a frente até desmanchar-se em fumaça.*

*Inana avança um passo.*

*O Guardiã remove o cinturão de pedras preciosas que prende-lhe a roupa à cintura.*

INANA - Por que tirou a cintura de meu ventre, Guardiã?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*Seis demônios deslizam pela janela: um da esquerda, um da direita, um de baixo, um de cima e um do centro para a frente até desmanchar-se em fumaça, um da frente para fundo até sumir em um ponto no centro.*

*Inana avança um passo.*

*O Guardião remove os broches que prendem-lhe a roupa ao seio, a pesada roupa de ouro cai ao chão, Inana está nua.*

INANA - Por que tirou os broches que prendem a roupa ao meu seio, Guardião?

GUARDIÃO - Entre, senhora. É esse o rito da Rainha do Mundo Inferior.

*Sete demônios giram na janela: espalham-se, sinuosos, a partir de um ponto central, ocupam toda a tela numa roseta de luzes.*

*E se desmancham, enquanto o Guardião sai levando tudo o que tirou de Inana-Ishtar.*

*Suspensa acima da parede, Ereshkigal estremece.*

*Enquanto ela fala, Inana-Ishtar gira lentamente até ficar de frente para a platéia.*

*E cobre o rosto com as mãos.*

*Ereshkigal começa a oscilar para frente e para trás, para dentro e para fora do campo de luz. Está suspensa num balanço.*

ERESHKIGAL (*em fúria contida*) - Sobre Inana-Ishtar, minha irmã,

abatam-se as sessenta e seis doenças,

sobre Inana-Ishtar, minha irmã:

a doença dos olhos para os seus olhos,

a doença dos braços para os seus braços,

a doença dos pés para os seus pés,

a doença do coração para o seu coração,

a doença da cabeça para a sua cabeça,

para cada parte de seu corpo dela.

E do mundo.

*Balançando no ar, Ereshkigal desaparece no fundo escuro.*

INANA (*chorando, alquebrada, o rosto entre as mãos*) –

Nenhum touro mais cobriu a sua fêmea (*estende o braço esquerdo*),  
 nenhum macaco mais cobriu a sua fêmea (*estende o braço direito*),  
 nenhum homem mais cobriu sua mulher (*abraça o próprio corpo*)  
 quando vim para Kurnugi,  
 quando baixei ao fundo da Terra.  
 Dormem os rapazes em seus quartos  
 e as moças em companhia das amigas.  
 A noi te e ter na bai xou so bre a ter ra.  
 Quan do essa desgraça se abran da rá?  
 Quando nas ce rá o Um que salvará o Mun do?  
 O senhor do Tempo  
 senhor do Tempo  
 senhor do Tempo....

*Enquanto ela fala, as portas vão se fechando diante dela até baterem com grande estrondo e escondê-la.*

*No breve silêncio, as portas racham de alto abaixo e desmoronam em pedaços.*

*Grande música arcaica, áspera, perturbadora.*

### 3

*Uma mulher velhíssima, os ralos cabelos brancos quase cobrindo o rosto, os seios muito grandes, caídos, pousando na imensa barriga de uma eterna gravidez.*

*A deusa Nut.*

*Ela caminha, lenta, com dificuldade, arrastando um vastíssimo manto azul muito escuro cravejado de estrelas luminosas que piscam.*

NUT (*canta*) - Nut núit

a noite eu sou

Ra, o radioso, quis me quis

Nut núit

a noite eu sou não quis

Ra, o radioso, diz me diz:

“Maldita, não parirá  
em nenhum dia do ano  
parirá.”

*Detém-se no centro, aponta o alto, ao fundo da platéia.*

*Seu manto, porém, continua avançando ao fundo, até dominar o espaço todo, céu e  
chão, noturnos, crivados de estrelas.*

NUT (*imóvel enquanto o manto prossegue, canta*) -Vai, Thot, o sábio,

ganhou da lua  
uma parte de sua luz.  
Com uma parte de lua-luz  
fez cinco dias fora do ano  
cinco  
como os dedos de uma mão

ISIS (*fora de cena, canta*) - Epagomenal epagomenal epagomenal epagomenal ...

*Lentamente, Nut se põe de quatro, continuando a cantar.*

NUT - Geb, meu irmão, deitou-se se deitou  
os ombros montes os joelhos montes

ISIS (*fora de cena, canta*) - Ictifálico ictifálico ictifálico ictifálico ictifálico ictifálico...

NUT - Dele pari  
um filho por dia pari um por dia  
cinco filhos pari  
Hórus o velho  
Osiris  
Set  
Isis  
Nephti  
A noite eu sou  
Nut núit  
a noite eu sou  
Nut Nut Nut Nut Nut Nut Nut Nut ...

*Sobre o refrão, outra voz feminina, invisível, canta:*

ISIS (*fora de cena, canta por cima do refrão*) - Mãe noite

Nut mãe  
 amiga dos mortos  
 dá de beber a água do ar  
 o orvalho que há em ti  
 para que eu zele pelo ovo do futuro  
 velha das trevas dos demônios do além  
 arco do céu  
 braços colunas  
 pernas colunas  
 do norte do oeste do leste do sul

*Enquanto a voz de Isis canta fora de cena, Nut se encolhe como uma bola no chão.*

*O manto noturno começa a dobrar-se sobre ela.*

*Nut desaparece debaixo de uma dobra do manto noturno.*

*Repentinamente, violentamente, o manto da noite é sugado para o alto, passa por cima da parede e se estende lá atrás, emoldurando a parede com uma vasta noite estrelada.*

*E revela, no centro, diante do retângulo brilhante da janela, a deusa Isis. o rosto coberto por um véu transparente.*

ISIS (*canta*) - Mãe noite

Nut mãe  
 que à tarde engole o velho sol Ten  
 para parir de manhã o sol novo Kepera  
 que ao meio dia é Ra, o radioso, teu oposto  
 Kepera Ten Ra Kepera Ten Ra Kepera Ten Ra  
 o tempo que passa  
 vida  
 a vida a vida a vida a vida a vida a vida...

*Enquanto ela canta, entra o sarcófago de Osiris deslizando sozinho pelo palco e se detém diante de Isis.*

*Ela se deita sobre o sarcófago e chora.*

*Ao fundo, na janela, que é uma tela, figuras de lanterna mágica, de sombras chinesas, elaboradamente recortadas, ilustram, como num friso pintado na parede de um templo egípcio, todos os estágios do mito de Isis e Osiris narrados pela deusa Isis em cena.*

ISIS - Ouve esta voz de tua filha, Isis, eu, Isis, tua filha, Isis, que inda dentro de teu ventre ao meu irmão Osiris me juntei com meu irmão Osiris me casei. *(na janela, o friso animado mostra Isis e Osiris num ato amoroso dentro de um ovo. E se apaga.)*

ISIS - Set e Osiris juntos reinavam no Egito reinavam, aos homens ensinando o que os homens sabem e saberão. Set senhor do sangue quente que respira o ar, Osiris amo do que brota do chão que respira luz. Do ar um, da terra o outro... *(o friso se acende, com diversas fileiras de imagens fixas de trabalhos: homens plantando e colhendo, homens fabricando coisas, homens caçando e pescando. etc. E se apaga.)*

ISIS - A inveja porém penetrou o coração de Set e Set desejou o mundo só para Set. E Set do ar matou Osiris da luz. O corpo de Osiris meu irmão e dele, amado meu, não dele, duas vezes em sete partes despedaçou duas vezes sete despedaçou e em catorze direções do reino do Egito espalhou. *(a janela se acende e o friso animado mostra Set e Osiris numa movimentação semelhante à do ato amoroso de Isis e Osiris mostrada antes. Osiris morre, o friso se apaga.)*

ISIS *(chora sobre o esquife)* - Eu, Isis, eu, Isis, Isis, por água e terra as catorze direções do reino do Egito visitei em busca de meu irmão Osiris, em cada uma um pedaço de meu irmão e marido Osiris recuperei, o meu amante Osiris recuperei, todo, inteiro... *(o friso se acende com uma imagem fixa de figuras egípcias ilustrando cada estação da via sacra de Isis)*

ISIS *(abre os braços, numa grande invocação)* - .. duas vezes sete vezes juntei o corpo do homem, criei recriei o homem deus Osiris macho-pai de nosso filho Hórus, o moço *(retira de uma dobra da roupa entre as pernas um pênis de ouro que eleva ao céu)* Osiris senhor imortal do reino dos mortos,

Osiris, macho-gerador homem-gerador deus-gerador de gerações e gerações e gerações...

*Isis crava o pênis de ouro no centro do sarcófago.*

*Música.*

*A luz branca da tela da janela aumenta da intensidade, expande-se para o palco.*

*O esquiife se parte em dois, dos pés à cabeça.*

*De dentro do esquiife, emerge a figura de Osiris vivo.*

*Osiris e Isis dançam uma dança hierática, enquanto falam.*

OSIRIS – Meu coração meu nascimento, que nada me resista no julgamento, que não haja separação entre mim e ti, Isis, tu és o meu Ka, Isis, no interior do meu corpo, Isis, que costurou e fortaleceu meus membros.

ISIS - Osiris.

OSIRIS - Possas vir ao lugar da felicidade para o qual estou caminhando. Possa meu coração...

ISIS - Ab

OSIRIS - ...estar contigo na casa dos corações. Possa meu coração...

ISIS - Hat

OSIRIS - ...estar contigo na casa dos corações. Possa meu coração estar comigo.

ISIS - Ba

OSIRIS - Me deste a minha boca para que eu fale com ela; me deste minhas pernas para eu andar com elas e minhas mãos e braços para eu derrubar meus inimigos.

ISIS - Khat

OSIRIS - Sejam-me abertas as portas do céu.

ISIS - Ka

OSIRIS - Que Isis, Mãe dos Deuses, abra sua boca para mim.

ISIS - Khaibit

OSIRIS - Abra ela os meus olhos, desate as minhas pernas e firme as minhas coxas para que eu fique ereto sobre elas. E me erga para que eu possa subir ao céu.

ISIS - Ren

OSIRIS - Compreendo com o coração.

ISIS - Sekhem

OSIRIS - Domino o meu coração, as minhas mãos, as minhas pernas. Posso fazer o que agrada o meu duplo.

ISIS - Ka

OSIRIS - A alma não será presa ao corpo às portas do mundo inferior.

ISIS - Sahu

OSIRIS - Nele entrarei em paz, sairei em paz.

ISIS - Ka

*Osiris coloca-se atrás de Isis, abre os braços.*

*Isis cola o corpo no corpo de Osiris, abre os braços, apóia sobre os dele.*

ISIS (*mansa, doce, extremamente feminina*) – Sou o que foi, o que é, o que será, nenhum mortal removerá o véu que oculta a minha divindade.

*Osiris fecha os braços em torno de Isis e os dois se desmancham na luz branca, cegante, absoluta.*

*A música explode e silencia subitamente junto com o súbito black out.*

*Um momento de escuro e silêncio.*

## II

### I

*No silêncio, ouve-se o ruído de grande quantidade de água se espalhando, prazerosa, sem ameaça.*

*E, logo em seguida, pássaros trinando, melodiosos.*

*A boca do forno se acende, vê brilhar o fogo lá dentro.*

*A luz de cena se acende muito suavemente.*

*Mãe e Filha estão no palco, atrás de uma mesa rústica, no meio de uma nuvem de farinha no ar, amassando grandes bolas de massa de pão.*

FILHA - E eu vou ter filho também?

MÃE - Vai.

FILHA - Não quero. É feio. A barriga estufa, o peito cresce, a perna incha, o cabelo cai, a pele seca, o dente dói, o olho chora.

MÃE (*ri gostoso*) - É só o corpo, filha. Isso passa, volta tudo pro lugar. Não tem parte melhor na vida da mulher: prenê! Êta! é a mulher inteira e plena, cheia. Mais que inteira: duas: um ser vivente dentro doutro ser. Vivente. Pense um pouco: numa só, duas cabeça de pensar, dois corpo pra respirar, dois coração para amar.

FILHA - Era assim quando eu estava dentro de você, eu era você...

MÃE - Era.

FILHA - Agora eu falo sozinha, como sozinha... faço tudo sozinha.

MÃE - Que nem todo mundo.

*Pequena música breve.*

*Amassam o pão um tempo em silêncio.*

FILHA - Como é que vai sair uma cabeça de criança de dentro de mim? Não cabe. Não passa. Se até o... o... negócio do homem eu já acho grande demais para entrar...!

*A Mãe ri gostoso.*

FILHA – Dói, não dói?

MÃE (*baixo, cheia de insinuações*) - Mas é boooooooooom.

FILHA (*breve tempo, pensa*) – Entrar ou sair?

MÃE – Os dois.

*Riem ambas.*

*Escuro súbito.*

## 2

*Grande estrépito, como se uma montanha deslizesse sobre outra montanha, triturando tudo.*

*A luz oscila e pisca como num cataclismo das origens da terra.*

*O forno permanece aceso.*

*Luz primeva.*

*As duas atrizes estão vestidas com uma única vasta saia de tecido elástico que ocupa todo o palco e que as prende ao chão.*

*Como se elas próprias fossem o chão, brotassem do chão.*

*A deusa-terra, Gaia, matéria única da cintura para baixo, bifurcada em dois corpos, quatro braços, duas cabeças de longos cabelos.*

*Elas se debatem, agônicas, caem para um lado, para o outro, usando o apoio e a elasticidade da saia-chão, agônicas batendo as cabeleiras como látigos.*

GAIA 1 - Caos primeiro foi o que existiu.

*Explodem faíscas dentro do forno.*

GAIA 2 - E eu, segunda.

JUNTAS - Gaia, de vasto seio.

GAIA 1 - Base sempre sólida para os que não morrem.

GAIA 2 - Os que não morrem.

JUNTAS - Todos.

GAIA 1 - E primeiro pari Urano,  
 GAIA 2 - o céu,  
 GAIA 1 - igual a mim,  
 GAIA 2 - eu mesma,  
 GAIA 1 - para cobrir a mim,  
 GAIA 2 - eu mesma,  
 GAIA 1 - cobrir de todos os lados,  
 GAIA 2 - Gaia  
 GAIA 1 - morada segura de todos os deuses.  
 GAIA 2 - E pari a grande Ourea,  
 GAIA 1 - as Montanhas,  
 GAIA 2 - morada das ninfas das florestas.  
 GAIA 1 - E, só,  
 GAIA 2 - só, sozinha,  
 GAIA 1 - pari a planície infecunda de ondas furiosas,  
 GAIA 2 - Pontus, o mar.

*Enquanto ela enumera os filhos, as estrelas do céu vão se acendendo em constelações.*

GAIA 1 - Depois, porém, deitei com Urano, o céu, dele pari o fundo redemoinho do  
 Oceano  
 GAIA 2 - e Coios  
 GAIA 1 - e Crios  
 GAIA 2 - e Hipérion  
 GAIA 1 - e Japeto  
 GAIA 2 - e Téia  
 GAIA 1 - e Réia  
 GAIA 2 - e Têmis  
 GAIA 1 - e Mnemosine, a Memória,  
 JUNTAS - Mnemosine a Memória, Mnemosine a Memória, Mnemosine a Memória,  
 GAIA 2 - a Memória,  
 GAIA 1 - Mnemosine  
 GAIA 2 - e Fébe da coroa de ouro  
 GAIA 1 - e a amorosa Tétis

GAIA 2 - depois o astuto Cronos, o mais novo,

GAIA 1 - o mais terrível dos meus filhos, e ele odiou seu vigoroso pai.

GAIA 2 - E pari ainda os Ciclopes, ativos em espírito:

GAIA 1 - Brontes, o trovão. Esterope, o relâmpago. O violento Arges.

*Saem faíscas e fumaça de dentro do forno.*

GAIA 2 - E mais outros três filhos, grandes, vigorosos, tanto que nem se pode contar:

GAIA 1 - Cotos. Briaréu. Giges.

*As duas se contorcem, gemendo, enquanto a saia se enche de protuberâncias, seres presos debaixo da terra.*

GAIA 1 (*uiva, dolorida*) – Urano!...

GAIA 2 - Urano!

GAIA 1 - A todos escondia em mim

GAIA 2 - dentro de mim

GAIA 1 - paridos, prontos, existentes, e atulhados, sobrepostos, apertados,

GAIA 2 - dentro de mim

GAIA 1 - Urano não deixava que saíssem para a luz.

*As formas debaixo da saia se agitam.*

*Um grande vento.*

GAIA 2 - Filhos meus,

GAIA 1 - Filhos de Urano que marcha para trás

GAIA 2 - se me ouvirem,

GAIA 1 - se me ouvirem,

GAIA 2 - podemos punir a vileza de seu pai.

*As formas se agitam debaixo da saia-chão, uma delas se projeta, alta, saliente.*

CRONOS - Mãe, prometo. Isso. E com minhas mãos isso cumpro. Esse ato. Porque não prezo ao pai que me impede de sair para a luz. Para a luz. A luz.

*O vento sopra mais forte, mais feroz.*

*A vasta rotunda da noite cravejada de estrelas, ondula ao vento.*

*No centro, surge, no alto, um grande falo de ouro, que vai baixando sobre as duas mulheres, trazendo a rotunda da noite junto.*

GAIA 1 (*lutando contra o vento*) – E veio Urano, trazendo a noite, desejoso de amor,  
sobre mim todo

GAIA 2 - sobre mim toda

GAIA 1 - sobre mim todo ele

GAIA 2 - sobre mim toda

GAIA 1 - sobre mim todo ele se espalhou.

GAIA 2 - Urano, o macho céu.

*Música.*

*A rotunda da noite sobe lentamente acima das duas mulheres.*

*Elas se afastam uma da outra, transformando a cintura da saia em uma abertura.*

*Recebem o falo de ouro e junto com ele penetram para dentro da saia-terra.*

*Grande urro não-humano, animal e mecânico a um só tempo.*

*O manto da noite estremece, distende-se, torna a subir, envolvendo o palco na noite estrelada, no chão a saia-terra, murcha, apenas um pequeno volume no centro.*

*A música cresce.*

*Pela abertura central, “nasce” Cronos, nu, cobrindo o próprio sexo com uma mão e trazendo na outra o pênis cortado do pai.*

CRONOS – Cronos, me chamo, o tempo comigo começou. Morre o pai gerador para que o filho seja. Gerador que morrerá por sua vez. Cronos, me chamo e de meu pai que criava, roubei o membro criador. (*levanta lentamente o pênis cortado que tem na mão*) Mas não estava morto ao lhe sair do corpo: o sangue que jorrava Gaia recebeu, a minha mãe, e no girar das estações pariu as fortes Eríneas: Alecto, Tisífone, Megaira. E os Gigantes de armadura brilhante. E as Ninfas Meliai sobre a terra sem

fim. *(num movimento grande, de corpo inteiro, atira para trás o pênis cortado)* E sobre as ondas do mar, lançou sua branca espuma e dela uma virgem se criou, deusa bela, a relva crescia onde pisavam os seus pés, ela, deusa da espuma nascida, Afrodite...

*Súbita explosão de luz.*

*Black out.*

*Cronos desaparece.*

*Resta a rotunda de céu estrelado cintilando.*

### 3

*Música de desfile de miss.*

*Show de luzes coloridas.*

*A Miss Um entra de vestido longo vermelho, faixa no peito com o nome da cidade onde estiver sendo apresentada a peça e desfila, sorridente pela boca de cena.*

*Logo em seguida, entra a Miss Dois de vestido longo branco e sua faixa ao peito, desfila pela boca de cena no sentido oposto.*

*O Mestre de Cerimônias entra, de smoking, coloca-se a um canto, diante de um microfone de coluna, fichas de papel nas mãos, dirige-se à platéia.*

**MESTRE DE CERIMÔNIAS - Afrodite-Vênus.**

Para certas mulheres ser bela não é só uma coisa desejável: é um dever, uma responsabilidade.

Ela se veste, se penteia, se maquia como se fosse uma estrela, como se fosse uma rainha.

Ela é uma rainha.

*Dois microfones surgem do chão, ou descem do alto.*

*Cada Miss se coloca em um deles.*

**MISS UM -** Rainha do Carnaval do ano passado na minha cidade.

**MISS DOIS -** Rainha da Festa da Uva de 2004.

**MISS UM -** Madrinha do time de futebol Júnior Juventude.

MISS DOIS - Patronesse da Guarda Mirim do meu bairro.

*As duas saem brevemente: show de luzes e música.*

MESTRE DE CERIMÔNIAS - A miss não é só a mais bela, a mais perfeita, é uma batalhadora, uma vitoriosa. Ela prepara a receita de pão de batata favorita do pai, faz tricô e crochê, borda e costura, dá o ponta-pé inicial no torneio de futebol, carrega no colo o pobrezinho da campanha do agasalho. Ela sabe andar, sentar, sorrir, seduzir. Sabe dançar.

*Música folclórica.*

*Miss Um entra em traje típico, dança uma breve coreografia regional.*

*Encerra, sorridente, recebe os aplausos, coloca-se de lado, diante do microfone.*

*Outra música folclórica.*

*Miss Dois entra em traje típico, dança uma breve coreografia regional.*

*Encerra, sorridente, recebe os aplausos, coloca-se de lado, diante do microfone.*

MESTRE DE CERIMÔNIAS - A miss moderna faz vestibular, vai à universidade, será enfermeira, assistente social, pedagoga.

Rainha de corpo e alma.

MISS UM - Eu li O Pequeno Príncipe, mas não é o meu livro de cabeceira. *(ri de si mesma, simpatia, gostosa)* Prefiro Paulo Coelho, acho mais profundo, mais atual.

MISS DOIS - Eu leio mais poesia. O meu poeta preferido, ninguém mais lembra dele, chama-se Jota Gê de Araújo Jorge. Mas nem adianta pedir que não declamo. Sou tímida.

MISS UM - Música eu gosto de MPB.

MISS DOIS - Eu prefiro clássico.

MISS UM - Zeca Pagodinho, Alexandre Pires...

MISS DOIS - Meu compositor favorito? Johan Sebastian Shakespeare.

MISS UM - Eu tenho orgulho da minha cor.

MISS DOIS - Sou loira natural, mas não sou nada burra, não, tá? *(ri aberto, gostoso)*.

*As duas saem brevemente: show de luzes e música.*

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Dona dos segredos da beleza, a rainha da beleza não hesita em corrigir um defeito físico mais visível, não hesita em realçar os atributos mais evidentes. Ela se sacrifica por nós. Se esfalfa nas academias, arrisca a vida nas mesas de cirurgia plástica.

*As duas entram de lados opostos: de maiô e saltos altos, as faixas de miss no peito.*

*Desfilam pela boca de cena e colocam-se na pose clássica.*

*A luz baixa, as duas ficam isoladas em focos verticais, o Mestre de Cerimônias desaparece.*

MESTRE DE CERIMÔNIAS (*off*) - Ela é a mais desejável e a mais inatingível.

O corpo perfeito feito para o pedestal de rainha apenas, de deusa, para assombrar os nossos sonhos mais eróticos e os nossos planos mais domésticos,

Putá e esposa. Dominadora e oprimida. Virgem e mãe.

*A música cresce, os focos se apagam.*

4

*No centro, no escuro, muito lentamente, acende-se a boca do forno.*

*A luz geral volta aos poucos.*

*Mãe e Filha entram, tranqüilas, enxugando as mãos nas saias-aventais.*

*A Mãe cantarolando uma melodia muito antiga.*

*Colocam-se de novo diante da mesa, terminando de preparar os pães.*

*A Mãe polvilha e esfrega farinha sobre um grande volume de massa.*

FILHA - Eu posso não querer, não posso?

*A Mãe cantarola ainda um pouco.*

FILHA - Não posso?

MÃE - Poder, pode. Tudo pode. Mas não é o melhor. Gente existe é pra fazer gente. Pra que mais se existe? Faz-se o pão, mas não é só o pão: tem de ter gosto bom, tem de ter boniteza, se come todo mundo junto, comunhão, porque é mais melhor comer junto de que comer só. Tudo pra enfeitar a vida. Mas a vida é pra fazer outra vida. Sempre foi assim, sempre será, para todo o sempre dos século seculórum, para frente no futuro e para trás na escuridão do tempo de antes do tempo.

FILHA - Tem mulher que não quer.

MÃE - Tem mulher que não quer. Mas é um duro destino. (*tempo, pensativa*)  
Lilith...

*Ouve-se um vento arrebatador.*

*Ou música arrebatadora.*

*Desce do alto uma lua crescente muito fina diante do céu estrelado.*

*A Filha escala o corpo da Mãe, sobe em cima do forno aceso, pendura-se no crescente.*

*O volume grande de massa sobre a mesa se desdobra: é Adão, o corpo coberto de pó.*

*Mudança de luz. O forno se apaga.*

*Sob um foco, Adão dança, batendo forte os pés no chão, gerando a própria música.*

*A Filha faz uma seqüência de movimentos circenses da lira, despe a roupa, até ficar semi-nua, vestida de trapos negros e, por fim, senta-se na lua crescente.*

*A Mãe, iluminada pelo contra-luz, continua a formar pães, alheia à ação.*

ADÃO - Deus chamou-me Adão e fez passar diante de mim toda fera e pássaro, tudo que era vivo, para eu dar nome e chamamento. E quando passavam, em pares, macho e fêmea, meu coração de inveja se apertou. E uma a uma as fêmeas todas deles todos possuí. Mas não encontrei satisfação. (*estica o corpo, abre os braços, alonga muito o pescoço, olha para o alto, fala com Deus*)

Toda criatura tem a sua companheira, Pai, ajusta essa injustiça.

(*relaxa, curva-se*) E assim como tinha me formado do pó do chão, o Pai formou... ela (*aponta a lua atrás e acima dele, sem se virar*).

LILITH (*corrige, agressiva*) - Lilith.

ADÃO - Mas não havia paz entre nós: eu queria deitar com ela, ela se ofendia.

LILITH - Por que tenho eu de estar embaixo? Sou feita do mesmo pó. Igual. Sou sua igual. Sua igual.

*Adão se enfurece, sai de sua luz, sobe na mesa, no forno, tenta agarrar Lilith na lua.*

*Ela balança a lira-lua e escapa.*

*Adão cai no chão.*

LILITH - Não terá nunca minha obediência pela força. Eu fui embora.

ADÃO (*volta para seu foco, bate no peito com violência, estica-se para Deus*) – Pai!

Fui desertado por minha companheira! Manda teus anjos: (*grita, invocando, possesso*) Senoi... Sansenoi... Semangelof...

LILITH (*ruge, feroz*) - Pode mandar as legiões todas de teus anjos, arcanjos, serafins, querubins e potestades que Lilith não volta! Como voltar para Adão depois de ter parido cem filhos por dia para os demônios deste mar para onde fugi?

ADÃO - Morra Lilith!

LILITH - Como morrer se o Pai me ordenou arrebatá-la no berço a vida dos recém-nascidos para todo o sempre?

ADÃO - Morra!

LILITH - Os meninos até os oito dias, as meninas até os vinte? (*ri, perversa*)

ADÃO (*grita, invocando, possesso*) - Senoi... Sansenoi... Semangelof...

LILITH (*geme, agônica, contorcendo-se na lua, como se os nomes dos anjos ferissem*)

Ai... Meus os filhos do homem... Carne, sangue, osso virginal.

ADÃO - Senoi... Sansenoi... Semangelof...

LILITH - Ai... Meus os sonhos dos homens que deitam sozinhos com seu desejo.

(*sôfrega*) Sangue suor saliva sêmen...

ADÃO - Senoi... Sansenoi... Semangelof...

LILITH (*brada, agônica, ofegante*) - Ai... Ai... Seja: cedo, concedo: esses nomes poderosos Sen... San... Sem... num amuleto... em cima do berço... e poupo a criança: o menino até os oito dias, as meninas até os vinte... Ai... (*recuperada, feroz, violenta*) O sono dos homens, porém, não. Não! Os sonhos dos homens são meus! Os sonhos só, ao menos. Ai...

*Apaga-se a noite inteira, Lilith desaparece.*

ADÃO (*distende o corpo em oração a Deus no alto*) – Pai! Tira de mim uma parte de mim e com essa parte de mim faz minha parceira.

*Com grande dor, arranca do lado do corpo uma costela de massa de pão e estende para a Mãe.*

*Alheia, como se fosse a coisa mais natural do mundo, a Mãe pega a costela de Adão. Adão desfalece no chão, sua luz se apaga. Ele rola para debaixo da mesa e desaparece. Sempre em contra luz, a Mãe coloca sobre a mesa a costela de Adão, amassa, dá-lhe forma de pão.*

### III

#### I

MÃE - Pachamama era da terra, Pachacamac do céu. Se amaram, nasceu dois filhos gêmeos, que deram a nossa humanidade, homem e mulher, macho e fêmea. Pachacamac desapareceu no mar, evaporou-se, é o céu. Pachamama solitária vivia em escuridão. Viu ao longe uma luzinha, a ela se encaminhou levando os filhos pela mão.

*Novamente acende-se o fogo dentro do forno.*

*Lentamente, acende-se a luz geral.*

*A Filha entra com uma pá de cabo longo para colocar os pães no forno.*

*A narrativa da Mãe é quase cantada e ela e a Filha trabalham, com grande delicadeza de movimentos cadenciados, numa pré-dança natural, as duas colocando os pães dentro do forno.*

MÃE - Era Wakon, homem grande, quase nu, fazendo comida em sua cova no monte. Aos filhos, mandou buscar água numa fonte. Eles foram. Wakon buliu com Pachamama, ela não quis e lutou. Wakon era mais forte, matou Pachamama, comeu uma parte, guardou o resto para depois. Chegaram os dois meninos, perguntaram pela mãe. "Volta logo", ele falou. Passou-se um dia, outro mais. Vai, o pássaro que chama o dia de manhã, sentiu pena dos pequenos, contou o perigo que corriam. Fugiram os dois, perderam-se. No meio do campo, desceu do céu uma corda e por ela Pachacamac, o pai, que teve pena dos dois, levou com ele pro céu. Do filho fez ele o Sol, da filha ele fez a Lua.

FILHA - E a mãe?

MÃE - Pachamama é a montanha mais alta, sempre coberta de neve, que os homens chamam a Viúva.

FILHA - Viúva. Índia, ela.

MÃE - Índia, sim. Que nem Maria Lionza, filha encantada de um cacique.

FILHA - Conta.

*Interrompem o trabalho.*

*Enquanto a Mãe narra a história, vê-se, dentro do forno, as ações narradas acontecerem, vividas por pequenas personagens de fogo.*

MÃE - O feiticeiro falou assim que ia nascer uma menina de olho estranho, verde, cor da água. Que era para sacrificar ela pro Dono da Água, a Sucuri Grande. Mas qual!, o pai não teve coragem, não. Escondeu a menina numa cova na montanha, vinte e dois guerreiros vigiando. Cresceu, a pobre, sem nunca ver a própria cara. Vai, um dia, a menina virou mulher. A força de seu sangue adormeceu os guarda tudo. E ela saiu da cova. Chegou no lago, olhou a água: viu-se. Era tamanha sua beleza que despertou o Dono da Água, a Sucuri Grande, que veio e puxou Maria Lionza para o fundo, para viver consigo. De corpo e alma. Maria Lionza virou a deusa protetora da água doce, da mata, dos bichos. Maria Lionza veste um manto de pena colorida, jóias, passeia na mata montada numa anta. A anta tem o corpo fechado a todo tipo de arma, nem reza não derruba ela. Torna em pedra a gente ruim que pensa só em dinheiro, ladrão, assaltante.

FILHA - Pensei que essa era Iara, a Uiará das águas.

MÃE - É e não é. Se pode dizer quase que é a mesma, muitos nomes para o mesmo ente: Maria Lionza, Comadre Fulozinha, Iara... Todas protege e é perigosa a um só tempo.

Todas mãe ou virgem.

Viúva ou donzela.

Cheia ou vazia.

Sim ou não.

*Voltam a colocar os pães dentro do forno.*

FILHA (*sem interromper a ação*) – Iara, rainha da água.

MÃE (*corrigindo*) - Mãe d'água. Mãe. Iara.

*À invocação do nome de Iara, do poço começa a se elevar uma coluna de fumaça.*

*Mãe e Filha voltam a interromper o trabalho.*

*Enquanto a Mãe narra, vê-se dentro da fumaça imagens da história da Iara acontecerem, representadas por personagens cintilantes de água.*

MÃE - Índia também, igual Maria Lionza. De grande formosura. As flor se abria quando ela passava, os frutos madurava, vivia cercada de bicho, todos, manso e fera. Só aos pretendentes homem não ligava atenção. Um dia de calor, banhou-se na cachoeira, três homens apareceram, espiaram, viram: um preto como a noite, um vermelho como o nascente, um branco de meio-dia. Quiseram ela, Iara não quis. Serviram-se do corpo dela, mataram, jogaram no rio. Mas o rio precisava de sua pureza, dela. O Pai do Rio pois quis reviver a Iara. Mas não podia. Só se era criatura da água. Então assim fez: a metade de baixo, ferida e injuriada, em peixe se transformou, da cintura pra cima mulher continuou. Protege os rio, ela, as lagoa, tudo que é água doce. Homem que ouve ela cantar, mergulha atrás da deusa, até as profundezas que é lugar escuro só dela, lugar de mulher, e nunca mais não volta jamais.

*Tempo.*

*A fumaça do poço se apaga, aos poucos se dissipa.*

MÃE (*tempo*) - Iara, a mãe dágua. (*tempo*) Quer dizer, mãe no nome, porque filho nunca não teve, não.

*Mãe e Filha terminaram de colocar os pães no forno, fecham a boca do forno.*

*Limpam a farinha da mesa, levantando nuvens de pó.*

*Acomodam-se sentadas sobre a mesa.*

FILHA - Maria Lionza não teve... Iara também não. O outro nome como é?

MÃE - Comadre Fulozinha.

FILHA - Essa.

*Lá fora da janela, sopra um vento levando uma nuvem de poeira.*

MÃE (ri) - Donzela. Essa não era índia, não, fruto já de mais mistura. Menina bonita, cabelo até quase os pé, também amiga dos bichos da mata. A mãe morreu no parto, perdeu a vida para dar à filha: Flor. Fulozinha. O pai, caçador perverso, afeito a armadilha, a maltratar ser vivente, animal, batia também na mulher, continuou na filha. Demorou-se ela um dia, Fulozinha, a correr na companhia dos carcará e dos campeiro pelo agreste. Chegou, o pai estava a esperar a comida, zangou-se, começou a bater. Bateu, bateu, até não ter mais força. Aí pegou, enterrou a menina inda viva no mato. O espírito da mãe ouviu a sua dor, veio, pariu Fulozinha segunda vez: arrancou do chão, tratou, curou, ao seu reino do além retornou. Fulozinha aqui ficou, meia lá, meia cá.

*Fora da janela, sopra de novo o vento forte.*

*Ouvem-se vozes de animais distantes, que permanecem por baixo da fala da Mãe.*

*Na janela surge agora a figura de Comadre Fulozinha, coroada de flores, os cabelos muito longos cobrindo o rosto, depois, soprados pelo vento, revelando o rosto mestiço.*

*Ela demora toda a fala seguinte da Mãe para atravessar o espaço da janela.*

*Enquanto ela passa em primeiro plano, voando mais rápido passa no alto, ao fundo, um grande gavião planando e em seguida um veado-campeiro galopando a seu lado.*

MÃE - Quando, em dia calmo, se vê um galho de árvore mexendo sozinho: é ela. Quando, de noite, se escuta cair coisa no telhado: é ela. Gosta de trançar apertado a crina dos cavalo. Caçador que quer achar caça, tem de lhe levar comida papa sem muito que mastigar. Mas sem ardor de pimenta nenhum porém. E cigarro, porque Comadre Fulozinha gosta de pitar. Quem não lhe dá oferenda, Comadre Fulozinha faz perder-se na mata, mesmo sabendo o caminho. Caçador perverso, que mata só por gosto, ela persegue, atormenta, bate surra, dizem uns que com os cabelos compridos, dizem outros que surra de urtiga que leva um mês para sarar. Não sei.

*Comadre Fulozinha e os animais terminaram de passar.*

MÃE (tempo) - Comadre Fulozinha. Moça donzela. Virgem sempre.

FILHA - Virgem. Donzela. Mãe. Viúva. Sempre isso. Sempre isso. Essa prova de sangue todo mês. Esse fogo que não se pode mostrar. Ou se mostra. E se paga o preço. Desejo. Desejo de encontro. A dor conhecida, mas o prazer aprendido. Outro corpo dentro do corpo. A barriga que estufa, o peito que cresce, a perna que incha, o cabelo que cai, a pele que seca, o dente que dói. E dor outra vez. E sangue e suor e leite e lágrima. É muita água, muito trabalho, muito órgão funcionando. Eu quero um corpo sem órgão.

MÃE (*ri gostoso*) - Isso é o que você tem. É a inteireza do dia a dia, o corpo no uso, no comum do não sentir. Órgão se tem é quando dói. Ou quando dá gosto. Corpo sem órgão terá, com ciência, é o santo que aqui vive além da vida. Ou covardes que têm medo dela. Vida não se pensa: vive-se. Quem muito pensa, vai ver até que não sofre, talvez. Mas tampouco não ama.

FILHA - Dor. Amor. Parir dói, mas não parir dói também. Amor... Que é que eu sei de amor? Eu não sei nada de amor. Quem vai querer casar comigo?

*Grande música.*

*A boca de cena explode numa súbita nuvem de fumaça.*

*Grande luz.*

*Por trás da fumaça, surge um Anjo de asas enormes.*

ANJO (*muito lenta e pausadamente*) - Virgo virginitatis!

Ave, Maria,

cheia de graça,

bendita entre as mulheres,

bendito o fruto do seu ventre.

Dará à luz um filho.

Ele será chamado Homem, e filho do Homem.

E reinará eternamente.

O seu reino não terá fim.

*O Anjo contrai todo o corpo, da mesma forma que Adão fez antes dele, e toca com a mão rígida o ventre da Filha.*

*Ela tem um grande sobressalto.*

*O Anjo desaparece.*

*A luz se abranda.*

*A Filha fica imóvel um tempo, perplexa, observada pela Mãe.*

*A Filha abana a fumaça, tosse. A Mãe ri.*

FILHA (*confusa*) - Ele me chamou de Maria...

MÃE - Marias somos todas. Do mar, das águas. (*entoa, numa cantilena*) Maria. Marina. Mariana. Marisa. Marcela. Márcia. Margarida. Marta. Marisol. Martina. Marlene. Mariela. Margô. Marion. Marli. Mara...

*Enquanto fala, a Mãe vira a Filha de costas para a platéia e a envolve em um grande pano rústico, cru, transformando-a na figura emblemática de Maria.*

*A Filha/Maria se volta e está com barriga de grávida.*

FILHA/MARIA (*olhando a barriga*) - Como é possível, se não conheço homem nenhum?

MÃE (*tocando a barriga da Filha*) - Nem tudo quanto nasce é do sangue, ou da vontade da carne, ou da vontade do homem. (*segura o rosto da Filha com as duas mãos, olha de perto seus olhos, despede-se, intensa*) Mas de Deus!

*Música muito suave.*

*A Mãe sai.*

*Entra José, com uma túnica curta, revelando o corpo forte, na mão o cajado florido de lírios brancos na extremidade superior.*

OSÉ - A minha cabeça está cheia de orvalho, no meu cabelo as gotas da noite. De lírios floriu-me o cajado, por isso fui escolhido. Mas antes de se ajuntar comigo, estava já fecundada. Predileta como era de Deus, como pôde fazer isso? Você, Maria, criada no templo, que recebia alimento da mão de um anjo?

MARIA - Eu juro que não sei como aconteceu...

OSÉ (*levanta a mão, pedindo que se ela cale*) - Era justo que eu te deixasse. À noite eu dormi, mas o meu coração velava. E em sonho o anjo me disse:

*A projeção de um super-close do rosto da Mãe ocupa toda a janela.*

*ANJO*

*MÃE (com muita simplicidade) - José, não tema receber Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é de Deus. Ela dará à luz um filho e será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer Deus conosco.*

*A projeção se apaga.*

*JOSÉ - Então acordei e vim. (ajoelha-lhe, cola o rosto na barriga de Maria)  
Agora, minha irmã, meu amor, imaculada minha, já despi a minha roupa; como tornarei a vestir? Já lavei meus pés; como tornarei a sujar?*

*MARIA - Ai. O meu amado põe a mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremecem de amor.*

*JOSÉ (tocando cada parte) - Como são bonitos os seus pés no chão! As suas coxas, como jóias. O seu umbigo, como uma taça redonda. Sua barriga como um monte de trigo, cercado de lírios. Os seus dois seios como cachos de uvas. O seu pescoço como torre de marfim. A sua cabeça, como um monte que toca o céu. E o cheiro da sua boca como o cheiro das maçãs.  
(beija de leve os lábios dela)*

*MARIA - Eu sou do meu homem, e ele me tem afeição.*

*Maria geme muito alto e cai.*

*Black out.*

*Na projeção, o grande close da Mãe, iluminada por uma luz branca fortíssima.*

*ANJO*

*MÃE (com grande simplicidade) - Glória nas alturas, paz na terra. O mundo começa, recomeça.*

*Na projeção o Anjo/Mãe sorri.*

*Acende-se a rotunda da noite, apaga-se a projeção.*

*Explode a música cantada por um coral de muitas vozes.*

*Acende-se um foco vertical sobre José em pé.*

*Maria como uma folha dobrada no chão a seus pés.*

JOSE - Vi-me andando, mas não podia avançar. Levantei os olhos para o espaço, o ar estava estremecido. De assombro. Os astros no céu parados, os pássaros no céu imóveis a meio vôo. Olhei a terra: os pastores sentados, as vasilhas na mão, mas os que estavam com a boca cheia não mastigavam, os que tiravam a comida do prato com o gesto parado no ar, os rostos virados para cima. As ovelhas tangidas também paradas e o pastor com o cajado levantado para bater nelas, a mão parada no ar. E os cabritinhos com os focinhos dentro da água do rio, a correnteza também parada e eles não bebiam. As coisas todas, por um instante, afastadas do seu curso normal, suspensas. Então, uma mulher desceu da montanha, perguntou: 'Quem é essa que está dando à luz na caverna?' E respondi: 'É Maria, minha mulher, que concebeu do Espírito.' Ela perguntou: 'É verdade?' E respondi: 'Venha e veja.' E o mundo se reanimou.

*O foco de luz de expande, Maria que estava dobrada sobre si mesma no chão, diante de José, endireita o corpo, revela um bebezinho em seu colo.*

*José se ajoelha atrás dela: um presépio em escadinha, imóvel.*

*Dentro do foco, há outro foco menor, sobre o bebê apenas, de luz tão intensa que quase não se vê a criança.*

MARIA (*ri, com as mãos em torno da luz cegante do bebê*) - O meu amado é branco e rosado.

Ele é o primeiro entre dez mil.

O seu cabelo é crespo, preto como o corvo.

Os seus olhos como de pombas junto da água que corre.

O seu rosto como um canteiro de bálsamo, com flores perfumadas;  
os seus lábios são como lírios.

As suas mãos são como anéis de ouro.

As pernas como colunas de mármore.

Este é o meu amado, o meu amigo e continuador,  
a minha vida eterna nesta terra,

o filho da minha carne e da minha alma,

em quem eu viverei para sempre como matéria e como memória.

(*sussurra*) Mnemo mnemos mnemo sim Mnemosine

*Música.*

*O foco vai se apagando devagar com o sussurro dela, o presépio desaparece.*

*Um cometa risca o céu noturno. Lentamente.*

MARIA (*no escuro, sobre a imagem do cometa deslizando no céu*) – Não tinha ainda treze anos e perdeu-se de nós. O que saiu do meu corpo, saindo agora para o mundo segunda vez. E do mundo, um dia, sairá. O meu filho. Filho de seu pai.

*Num extremo do palco, um foco se acende sobre Jesus, vestido como estava José, igual a ele, com uma atitude física e a voz mais jovens porém.*

MARIA (*enquanto a luz revela Jesus*) - Homem filho do homem à sua semelhança, deus filho de Deus à sua semelhança.  
Ai. De noite, busquei aquele que a minha alma ama. Busquei, e não achei.

*Um foco se acende no lado oposto do palco, sobre Maria.*

MARIA - Levantei e rodeei a cidade, pelas ruas, pelas praças. Busquei, e não achei. Busquei aquele que a minha alma ama. E no templo encontrei, sentado no meio de doutores, ouvindo, interrogando.

*Vozerio grave, masculino, gravado.*

*José fala para a platéia, Maria escuta, atenta.*

JESUS - Eu era filho tenro na companhia de meu pai e único diante de minha mãe. Os dois me ensinavam, diziam: 'guarde no coração as nossas palavras, e viva.'

*Na projeção, bocas masculinas, severas, duras, se sucedem em perguntas, que ecoam. Jesus fala quase paralelo com elas, não como uma seqüência de perguntas e respostas. Maria olha a platéia, aflita.*

VOZ 1 (*off*) - Quem subiu ao céu e desceu?

JESUS - A sabedoria clama lá fora, pelas ruas levanta a sua voz, e diz: não conte com o dia de amanhã, porque não sabe o que ele trará.

VOZ 2 (*off*) - Quem encerrou os ventos nos seus punhos?

JESUS - O furor é cruel, a ira impetuosa, mas quem consegue enfrentar a inveja?

VOZ 3 (*off*) - Quem amarrou as águas numa roupa?

JESUS - Que um outro te louve, e não sua própria boca.

VOZ 4 (*off*) - Quem definiu todos os extremos da terra?

JESUS - Bendito o leão que é comido pelo homem, porque o leão se tornará homem. Maldito o homem que é comido pelo leão, porque o leão se tornará homem.

*Um tempo de suspensão e silêncio: na projeção sucedem-se rapidamente as sete bocas entreabertas, "de queixo caído", mudas.*

VOZ 5 (*off, recuperando-se*) - De onde você vem?

JESUS - De onde viemos todos: da luz, de onde a luz se originou dela mesma.

VOZ 6 (*off*) - Quem é você?

JESUS - Sou o que nós somos todos: filhos da luz e escolhidos pelo Pai vivo.

VOZ 7 (*off*) - Qual o sinal de seu pai em você?

JESUS - É o movimento. E o repouso.

Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração do homem ao homem.

*A projeção cessa, as vozes indignadas continuam murmurando indistintamente.*

*Maria está sorrindo de assombro.*

*Controla-se, arma uma cara severa, atravessa o palco até Jesus.*

*Pega sua mão como se pega a mão de uma criança.*

MÃE - Filho, por que fez assim conosco? Há três dias seu pai e eu, ansiosos, te procuramos.

JESUS - Por que me procurar? Não é preciso. Eu estou sempre aqui. (*toca o coração de Maria*)

Música.

~~Explode a luz.~~ *Subito D.D.*

~~Maria é fisicamente arrebatada a outro nível de consciência.~~

~~Enquanto Maria fala, Jesus atravessa o palco até o extremo oposto.~~

MARIA - Este é meu filho muito amado. E já não é meu filho mais. É do mundo. Já não tem nada a ver comigo. Eu, sim, tenho tudo a ver com ele. Ele tem o caminho livre pela frente. Eu tenho a ele à minha frente no caminho. Atrás de mim, meu pai e minha mãe. Atrás deles os pais deles. E os pais dos pais deles, até nosso pai e mãe primeiros, Adão e Eva. Esse é o meu filho muito amado: os meus olhos no mundo. As minhas mãos e pés. Meu coração. Nada do que eu faço serve para ele. Mas tudo que ele faz eu faço com ele. Ele é osso dos meus ossos, carne da minha carne, sangue do meu sangue, cabelo dos meus cabelos. Assim como no fim voltamos nós para nossa mãe terra mãe: nossos ossos pedra, nossa carne o pó, nosso sangue os rios, nosso cabelo a erva e o trigo. Assim, no começo, brotou ele de dentro mim.

*Egito. Maria fala e anda de um lado para o outro.*  
*Jesus avança e se coloca nele*  
 Maria Madalena surge diante de Jesus, pega-o com uma mão na nuca, outra no sexo.

MADALENA (*ri, alto, sedutora*) - Já cobri a minha cama com cobertas bordadas, com linho fino do Egito. Já perfumei o meu leito com mirra, aloés e canela. Venha, vamos nos saciar de amores até o amanhecer, nos alegrar com amores.

JESUS (*viril, quase violento, atraído e não ao mesmo tempo*) - De onde vem, devoradora de homens? Para onde vai, conquistadora do espaço? Não vê que está presa no mundo, mulher?

*Ele a pega com uma mão na nuca, outra no sexo.*

*Dá-lhe um violento e prolongado beijo na boca, realizam uma breve coreografia de corpos colados, como um coito, mais que um coito.*

*Madalena estremece, cai. Jesus sai.*

*Maria, compungida, aproxima-se e ampara Madalena que senta-se com dificuldade.*

MADALENA (*exausta, ofegante, perplexa, saltando de constatação para constatação*)

– O que me dominava foi eliminado! O que me fazia voltar foi derrotado! Sete demônios viviam dentro de mim e me possuíam. O primeiro era trevas. O segundo: desejo. O terceiro: ignorância. O quarto: o medo da morte. O quinto: o reino da carne. O sexto: a vã sabedoria do mundo. O sétimo: a ira. (*enquanto ela enumera, surgem na tela os sete demônios da cena de Inana-Ishtar*) Ai. Num mundo fui libertada de outro mundo.

MARIA - Com unguento de nardo puro, você ungiu os pés de meu filho, e enxugou com seus cabelos.

MADALENA – Maria, a mãe...

MARIA - Marias somos todas. Do mar, das águas... (*ri*) dos unguentos perfumados. Mulheres.

MADALENA – Eu não queria ser mulher. É feio, é sujo, pensava. Essa prova de sangue todo mês. Não queria ser mãe: a barriga estufa, o peito cresce, a perna incha, o cabelo cai, a pele seca, o dente dói, o olho chora. Como vai sair uma cabeça de criança de dentro de mim? Virgem. Mãe. Viúva. Sempre isso. Sempre isso. Esse fogo que não se pode mostrar. Desejo. Amor... Que é que eu sei de amor? Eu não sei nada de amor. Eu quis só o desejo, só o prazer. Eu sou a outra Maria, Madalena. E não sou digna de que cuide de mim. Seu filho deitou comigo, tocou meu corpo, provou o gosto da minha carne, bebeu da minha boca...

MARIA (*calando Madalena com a ponta dos dedos*) – Filha, também eu tive esse homem dentro da minha carne, bebeu dos meus peitos, comigo se deitava. Marias somos. Cada uma e todas. E assim como buscamos no homem o que não temos no pai, também o homem busca em nós o que não tem na mãe. Amores, todos, diferentes e iguais. Parte o filho para o mundo e a mãe sente que o perdeu. Mas quando foi dela? Quem é de quem? Marias somos. Somos o chão de onde brota a humanidade, matéria e espírito, corpo e alma. Em meu filho fala o Pai pela minha boca. O sopro do conhecimento vem de lá (*aponta para o alto, para o céu*), mas o som da voz, a língua, os dentes, a saliva vêm de mim. E assim ninguém se perde. Não há espírito sem matéria, nem matéria sem espírito.

MADALENA (*constatando, deslumbrada*) - Somos corpos, tanto quanto somos alma!

Só existo porque penso, só penso porque existo.

MARIA - Não está em nós a divisão, mas fora: em três reinos vivemos: o corpo, eu; o mundo, nós; o cosmos, Deus. Nasceu-me esse filho e está no mundo. Ele é o mundo. Precisa de nós, ambas. Mãe, mulher. Marias.

*As duas Marias se abraçam.*

*Explode a Sarabanda em ré menor de Handel.*

*Acima das mulheres, na janela da parede do fundo começa a projeção.*

*As duas olham para o fundo da platéia, reagem como se lá vissem as ações mostradas atrás delas:*

*close dos pés de Jesus caminhando com esforço sobre solo muito seco, de areia e pedras;*

*mãos de Jesus manejando vigorosamente uma enxó lavrando madeira rústica;*

*braços de Jesus batendo uma marreta com muita força sobre uma estaca de madeira no chão;*

*parte do ombro, pescoço e parte do rosto de Jesus colocando nos ombros um fardo muito pesado embrulhado em tecido rústico;*

*close do rosto de Jesus, fazendo um grande esforço doloroso;*

JESUS (*baixo, na projeção*) - Eli, Eli, lamá sabactâni?

*o lado do tórax de Jesus, contraindo e relaxando a cada movimento dos braços que puxam uma corda com muito esforço;*

*e mais e mais tomadas muito curtas, sempre em closes muito fechados, de partes do corpo de Jesus realizando trabalhos corporais pesados, a cada tomada ele está mais suado, mais marcado de poeira, terra, lascas de madeira, etc.*

*Por fim, close muito próximo da veia do punho pulsando; fusão para close muito fechado da veia do pescoço pulsando; fusão para close muito fechado do peito pulsando com as batidas do coração. Sempre em close a câmara desliza peito acima de Jesus, passa em close pela boca, pelo nariz, pelos olhos e se detém na testa muito molhada de suor. Pouco a pouco em vez de suor, a pele poreja sangue.*

*A câmara abre ligeiramente até um close do rosto inteiro de Jesus, banhado em suor e sangue.*

*Com muito medo.*

*Madalena chora, deita-se no colo de Maria, evocando já uma pietà.*

*Maria dirige-se a Jesus no espaço acima da platéia, por cima das imagens e da música.*

MARIA (*compungida, dilacerada*) – Não tema, filho, não tenha medo.

O pai, a mãe, a chuva negra, as tempestades, os estrondos, as terríveis aparições, tudo é, em sua natureza, ilusão. Como um sonho, como uma aparição. Por que se apegar a isso?

Não tema, filho, não tenha medo.

O vazio, não pode ferir o vazio.

Filho, não tema, não tenha medo.

Chegou a hora de procurar o Caminho. Sua respiração está prestes a cessar. Prestes a experimentar a Luz da Realidade. Onde tudo é como o vazio. Como o céu desanuviado. A mente nua e imaculada. Um vácuo transparente, sem borda, nem centro. Olhe para você mesmo. Não saia desse estado.

Terra desaparecendo na água.

Água desaparecendo no fogo.

Fogo desaparecendo no ar,

Não tema, não tenha medo.

Tenha confiança.

Nada pode te fazer nenhum mal.

Nenhum mal.

*Jesus levanta o rosto para o céu, revira os olhos, agonizando de esgotamento.*

*Expira e pende morto.*

*No palco, Maria leva a mão ao coração que sangra manchando-lhe a roupa.*

*Madalena levanta-se de um salto.*

*Maria fomba, quase desfalecida, amparada por Madalena. Inverte-se a pietà.*

JESUS (*sussurra indistintamente, off*) – Mãe Mater Matéria

MADALENA (*sussurra, rapidamente*) – Mater inviolada

JESUS (*sussurra, off*) - Mater divina graça

MADALENA (*sussurra, rapidamente*) - Mater universal Mater Matéria Mãe (*chora*)

MARIA - Não chore, filha. Antes alegre o seu coração. A vida é trabalho, é paixão.  
Finda a paixão de meu filho nesta vida, volta o eterno para o eterno.

*No crescendo final da música, pela janela, em meio a fogo, faíscas, fumaça e uma luz resplandecente, cegante, Jesus toma impulso e sobe girando lentamente para o céu.*

MARIA - Aos olhos de Deus é igual estarmos vivos ou mortos, porque sempre estamos nele.

MADALENA - É isso a vida, mãe? Paixão?

MARIA (ri) - Você devia saber disso mais do que eu: paixão do corpo, paixão da mente.

O corpo não importa. A mente também não importa.

MADALENA (sussurra) – Virgo potente Virgo clemente Virgo fiel

MARIA (vendo o universo inteiro diante dos olhos) - O universo, filha, é só uma quantia finita de matéria, uma quantia finita a energia que anima tudo.  
Do pó viemos, ao pó retornamos.  
Para quantas vidas já terá servido a matéria de que é feito esse seu corpo tão lindo? E o espírito que te anima?  
De Deus viemos, a Deus retornamos.  
Somos imagem e semelhança dele. (ri baixo, gostos) Assim como ele é imagem e semelhança nossa.

MADALENA (sussurra) – Espelho da justiça.

MARIA - Deus é o que nós queremos ser, é o que ele quer que a gente seja.

(Madalena chora)

Não importa se você acredita ou não, filha. Todos e cada um somos fruto do que veio antes de nós, somos todos herdeiros.  
Ser homem é ser homem, não há como escapar.

MADALENA – Estrela matutina

MARIA - No eu presente, se junta o passado e o futuro, o que *já* é inexistente e o que *ainda* é inexistente, em nós se junta corpo e mente, matéria e espírito.

MADALENA – Rosa mística.

MARIA - E nenhum dos dois importa porque os opostos se anulam.

O que importa é a consciência... Só.

A consciência é o amor que junta o corpo e a alma.

O amor que meu filho pregou, com o coração na mão.

MADALENA – Torre de marfim.

MARIA - Eu não sou corpo, eu não sou alma.

Eu sou o amor que casa os dois num duo indivisível.

Num indiví-duo.

MADALENA – Porta do céu.

MARIA - Por isso é que é tão bela a vida. Porque a vida não importa.

Só o amor de ser. A consciência.

*Maria suspira, exangüe.*

*Música que começa sem que se perceba por baixo da fala seguinte de Maria.*

*Madalena despe o vestido de Maria e veste-lhe a roupa de ouro e jóias de Inana-Ishtar.*

MARIA (*entrando num transe místico*) - O criador me possuía no princípio de seus caminhos.

Desde antes de suas obras, antes do começo da terra.

Quando ainda não havia abismos, eu fui gerada.

Quando ainda não havia fontes carregadas de águas.

Antes que os montes estivessem assentados, eu fui gerada.

Ainda ele não tinha feito nem os campos, nem o pó do mundo.

*Madalena coloca em Maria o colar precioso de Isis.*

MARIA - Quando ele preparava os céus, ali estava eu.

Quando traçava o horizonte sobre a face do abismo.

Quando firmava as nuvens acima.

Quando fixava o limite do mar.

Quando compunha os fundamentos da terra.

*Madalena coloca nos ombros de Maria o manto de penas de Ereshkigal.*

MARIA - Então eu estava com ele e era seu arquiteto.

Era cada dia as suas delícias.

Me alegrando no seu mundo habitável

e me enchendo de prazer com os filhos dos homens.

*Madalena coloca na cabeça de Maria a coroa de Inana-Ishtar.*

*Música.*

*Maria está pronta, como uma replandescente imagem de procissão.*

*Ela toma impulso para subir. Mas não sobe.*

*Tenta outra vez. E mais uma.*

*Ri. Um riso solto, alto e breve.*

MARIA (*olhando os vestidos*) - Filha, este ouro todo é bonito, mas não me deixa subir.

Não preciso dele.

*Retira a coroa com uma mão, afasta o manto de penas com a outra.*

*Remove o colar de Isis do pescoço.*

*Com ambas as mãos desata os broches do peito, derruba o vestido de ouro de Ishtar.*

*Enquanto ela se despe, um foco de luz branca absoluta vai aumentando sobre ela.*

*Despojada de todas as vestes terrenas, Maria toma um pequeno impulso e sobe lentamente para o céu.*

*A música cresce.*

FIM